

A REESTRUTURAÇÃO TERRITORIAL-PRODUTIVA FLUMINENSE:

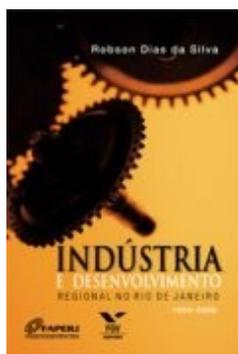
Notas sobre Geografia da Indústria e Desenvolvimento Econômico^{*}

Leandro Dias de Oliveira^{**}

Ernane Fernandes Moura^{***}

Guilherme Mapelli Chagas^{****}

Marcelo Loura de Moraes^{*****}



Resenha do livro *Indústria e Desenvolvimento Regional no Rio de Janeiro (1990-2008)*, de Robson Dias da Silva. Rio de Janeiro: Editora FGV [Faperj], 2012, 258p.

* Esta resenha é fruto dos estudos desenvolvidos no âmbito do projeto intitulado “O Processo de Reestruturação Territorial-Produtiva no Oeste Metropolitano Fluminense”, com o apoio da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ, através da modalidade de Auxílio-Instalação concedido ao Prof. Leandro Dias de Oliveira. Em particular, este livro foi base de inúmeras reuniões de estudos e de debates realizados junto ao Grupo de Pesquisa “Reestruturação Espacial Contemporânea”, vinculado ao Laboratório de Geografia Política e Práticas Educativas [RECLAGEPPE / UFRRJ].

** Doutor em Geografia pela UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas. Professor Adjunto do Departamento de Geociências da UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, e líder do Grupo de Pesquisa “Reestruturação Espacial Contemporânea”. E-mail: leandrodias@ufrjr.br.

*** Aluno do curso de Graduação em Geografia da UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e Bolsista CAPES / PIBID Geografia, campus Seropédica. E-mail: ernanecanp@hotmail.com.

**** Aluno do curso de Graduação em Geografia da UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e Bolsista de Iniciação Científica FAPERJ. E-mail: guilherme_gmc18@hotmail.com.

***** Aluno do curso de Graduação em Geografia da UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e Bolsista de Iniciação Científica PIBIC / CNPq. E-mail: marcelogeo@ufrjr.br.

O desenvolvimento capitalista fluminense entre 1930-1980 pode ser sintetizado como “crescimento e modernização com perda de importância relativa” (SILVA, 2012, p. 41).

Todavia, à revelia da desindustrialização da metrópole fluminense, o estado vive desde

“está em curso um reordenamento territorial da produção e do consumo, o que implica no aparecimento de novos investimentos e ou incremento de antigas bases produtivas”.

o despontar da década de 90 tempos de maior dinamização econômica, particularmente através de dois vetores: a expansão dos ramos sidero-metalúrgicos e automobilísticos do Médio Vale Paraíba Fluminense e a consolidação da indústria petrolífera na Região Norte do estado (Bacia de Campos dos Goytacazes / Macaé). É sobre

esta nova espacialização produtiva do estado do Rio de Janeiro que o Prof. Dr. Robson Dias da Silva, do curso de economia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, dedica 258 páginas ricas em toda sorte de dados, informações e análises sobre o desenvolvimento regional do estado.

Já no prefácio, de autoria do professor do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da UFRJ (IPPUR/UFRJ), Prof. Dr. Carlos Brandão, há o anúncio de que “o Rio de Janeiro é epítome, metáfora e resumo do Brasil” (BRANDÃO, 2012, p. 15 [Prefácio]). Entender o Rio de Janeiro é entender o Brasil! Ainda que aparentemente exagerada, esta asserção faz sentido ao lembrarmos que o estado é historicamente privilegiado e carrega em sua história as cicatrizes dos mais diferentes momentos econômicos brasileiros. Desta forma, o desafio é ainda maior: a empreitada de Robson Dias da Silva extrapola a escala estadual e atinge todo o território nacional.

Destarte, a obra que agora resenhamos foi base para a realização de quatro debates de grande proficuidade nos encontros do Grupo de Pesquisa “Reestruturação Espacial Contemporânea”. Alicerçados nos meticulosos dados e nas análises da obra em tela, pudemos nestes encontros exprimir as seguintes reflexões:

1. *Está em curso um novo processo de industrialização*, confirmando nossa hipótese de que assistimos uma *nova revolução industrial no território fluminense* (OLIVEIRA, ROCHA, 2012). Ressaltamos, de antemão, que entendemos industrialização como um processo hegemônico no qual a produção fabril se torna dominante sobre as demais atividades, e passa a exercer influência direta sobre todas as esferas da sociedade, que envolve

desde a política e a economia, até a organização social (OLIVEIRA, 2011), pois se trata de “*uma profunda alteração da divisão social do trabalho*” (SINGER, 1973, p. 32). Ademais, “*a industrialização caracteriza a sociedade moderna*” (LEFEBVRE, 2001, p. 03), e altera profundamente a geografia do mundo, em sua materialidade, com novos objetos, e em seu conjunto de movimentos (ações), artificializando o espaço geográfico com próteses territoriais no advento do meio técnico (SANTOS, 2002). Floriano de Oliveira (2008), com quem o autor trata um importante debate, já asseverava isso, mostrando a emersão produtiva do interior fluminense, e a própria redinamização da economia;

2. *Permanece uma concentração econômica, em nível estadual, na Região Metropolitana.* Robson Dias da Silva chama a atenção para a considerável mudança quantitativa dos municípios fluminenses, que saltaram de 70 para 96 nos últimos dois anos, fruto “*da ‘febre’ emancipacionista vivida pelo país após a promulgação da atual carta magna (em 1988)*” (SILVA, 2012, p. 67). Como consequência direta, há o aumento expressivo dos municípios considerados pequenos e médios: “*dois em cada três municípios fluminenses podem ser classificados como pequenos, ou seja, com população inferior a 100 mil habitantes*” (SILVA, 2012, p. 71) Mas continuam existindo profundas diferenças entre as densidades demográficas da Região Metropolitana do Rio de Janeiro e seu interior: afinal, mais de 70 % da população fluminense habita a região metropolitana – uma verdadeira macrocefalia ou hipertrofia, termos que remetem a patologias espaciais. Entre dados populacionais e econômicos, não há como não constatar que esta *superdensidade* não é apenas populacional, mas também [e acima de tudo] econômica;
3. *O petróleo assumiu gigantesca relevância na economia industrial do estado do Rio de Janeiro.* Ou seja, referente aos aspectos especificamente econômicos do Rio de Janeiro, o petróleo aqui produzido representa 11,6% do Produto Interno Nacional, com atividades que variam entre os setores terciário e industrial. O petróleo é a verdadeira base de sustentação do crescimento econômico regional – especificamente, no Norte Fluminense – e também é responsável pelo resgate da crise da década de 1970 e 1980 resultante da descentralização produtiva. Aliás, o autor indica o quanto é visível o impacto desta

descentralização quando lembra que o Rio de Janeiro passou da quarta para a sexta posição no ranking nacional do número de unidades produtivas, sendo ultrapassado pelo Paraná e por Santa Catarina. A retomada tem base na *economia do petróleo*;

4. Ao analisar separadamente a indústria extrativa mineral da indústria de transformação o autor consegue comprovar em números todas estas constatações anteriores, principalmente referente à crescente dependência da extração do petróleo frente a desconcentração produtiva: “Em 1985, a participação fluminense no valor da produção da indústria de transformação brasileira girava em 9,4%, ao passo que a taxa da indústria extrativa ficava em 40%. Em 2004, o valor da indústria extrativa ultrapassava os 73%, enquanto que o referente ao setor manufatureiro em 8,1%”. Todavia, a recuperação industrial fluminense é tributária do desenvolvimento do interior. Percebe-se um contraste, onde o declínio da indústria de transformação é compensado pela indústria do petróleo – 75% do PIB da indústria extrativa do Brasil é oriundo do Rio de Janeiro, mais precisamente do Norte Fluminense. Decerto, em tempos de redistribuição política dos *royalties*, do presente e da futura exploração econômica do pré-sal, o trabalho de Robson Dias da Silva já delineava, em números, o quanto o Rio de Janeiro ofereceu uma lição de desenvolvimento dependente de um produto só.

Muitas outras questões são debatidas nesta obra, que permitem aqui apenas uma breve sintetização: [1] o impacto da descentralização ou desconcentração produtiva, com a saída das indústrias da metrópole e novos vetores de crescimento; [2] o processo de *terciarização* – entendida aqui como *crescimento do setor terciário* – como uma contrapartida da desindustrialização (ainda que não estejamos tão certos disso, lembrando que Milton Santos, em 1971, já falava em urbanização terciária no Brasil); [3] a consolidação do setor metal-mecânico no Centro-Sul enquanto herança histórica, proveniente da estrutura urbana produtiva existente (o marco industrial acerca da construção da Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda, conforme OLIVEIRA, 2006); [4] as diferenças marcantes nos padrões de especialização [acrescentaríamos “padrões de *espacialização*”] dos lugares da industrialização do interior fluminense. Com a consolidação do que podemos entender como novos

polígonos geoeconômicos no estado do Rio de Janeiro emerge uma série de possibilidades analíticas, em diversos campos acadêmico-disciplinares, que exigem cuidadosas investigações.

Vale asseverar: esta resenha faz parte de nosso esforço de compreender a reestruturação industrial-produtiva fluminense à luz da geografia. Nossos esforços têm se esmerado em compreender as fortes modificações em sua estrutura econômica que a região metropolitana fluminense vem experimentando. Acreditamos que está em curso um reordenamento territorial da produção e do consumo, o que implica no aparecimento de novos investimentos e ou incremento de antigas bases produtivas. Esta reestruturação territorial-produtiva em curso – *territorial*, por que implica em novas relações de poder e novas espacializações econômicas e sociais; e *produtiva*, porque está calcada em um novo modelo econômico, que pode ser denominado *pós-fordismo* ou *acumulação flexível*, *devidamente adaptado a uma burlesca forma brasileira* – está fundamentada no aparecimento de novos investimentos fabris, que compreendem – se considerarmos apenas o recorte de nossa investigação, o *Oeste Metropolitano Fluminense* – desde a instalação da base exploração da camada Pré-Sal da Petrobrás em Itaguaí até as inúmeras intervenções realizadas nesta sub-região (Itaguaí – Mangaratiba – Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro), bem como a consolidação do Distrito Industrial de Queimados, o polo de cosméticos de Nova Iguaçu, os complexos químico-farmacêutico da Bayer, em Belford Roxo, e gás-químico da REDUC, na cidade de Duque de Caxias, na Região da Baixada Fluminense, entre outros. Associados a estes investimentos do ramo industrial-produtivo, emergem uma série de alterações espaciais, que remetem à constituição de infraestrutura, desde a consolidação de áreas habitacionais populares e de classes médias e altas até mesmo a expansão do porto de Itaguaí e edificação de eixos de ligação, com destaque para Arco Rodoviário Metropolitano, que ligará o Complexo Petroquímico do COMPERJ [Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro, em processo de implementação no eixo Itaboraí – São Gonçalo, no Leste Metropolitano] ao Porto de Itaguaí, e a ampliação da Via Light, que ligará Nova Iguaçu até a Avenida Brasil, e a perspectiva da construção da Transbaixada, que perpassará a Via Light até a Rodovia Washington Luiz (BR-040). Observamos, na contemporaneidade, a emersão de uma nova *Geografia da Indústria Fluminense*, com a emersão de um novo modelo de estruturação territorial, que merece ser mais meticulosamente esclarecido, em seus matizes teóricos e empíricos.

Aliás, cabe um aparte à luz da ciência geográfica: *este livro que apresentamos é de fundamental leitura para todo aquele que se dedica às análises do campo da geografia econômica e da indústria*. Esta obra perfaz um breve porém profícuo histórico do desenvolvimento econômico fluminense; trata da centralidade da Região Metropolitana, e do contraste entre quantidade de cidades pequenas em relação à metrópole de importância descomunal; reflete sobre as desigualdades regionais, uma verdadeira marca do desenvolvimento brasileiro; e por fim, analisa a trajetória do desenvolvimento regional, na constituição das regiões emergentes como, conforme indicamos, novos polígonos geoeconômicos.

Todavia, não deixa de ser necessária uma observação: com 59 tabelas, 11 gráficos e 6 quadros informativos distribuídos em seus quatro capítulos, *“Indústria e Desenvolvimento Regional no Rio de Janeiro (1990-2008)”* só apresenta 2 (dois) mapas nos anexos, sendo um com as Regiões de Governo do Estado do Rio de Janeiro (da Fundação CIDE) e o outro com a concentração, localização e tipologia das atividades produtivas do fluminenses no recorte temporal do livro. Mediante a riqueza de dados, é possível asseverar a ausência de mapas focados nas regiões do novo desenvolvimento econômico (Médio Vale Paraíba e Norte); as contiguidades entre a região metropolitana e as demais; os veios de transporte, e ainda os portos e aeroportos, atualmente existentes e em fase de implementação; as centralidades urbanas; os principais complexos industriais do estado, entre outros. Em tempos de interdisciplinaridade, o diálogo com a geografia que atualmente se pratica seria deveras pertinente: segregação espacial, o sentido de *espaço urbano*, o desenvolvimento regional com base local e a própria noção de região são temas sempre presentes no léxico conceitual do geógrafo. Os mapas apenas insinuam o potencial analítico da ciência geográfica para compreender a economia espacial; há muito mais questões teórico-metodológicas deste campo científico que podem e devem ser pensadas e dialogadas.

Referências Bibliográficas

BRANDÃO, Carlos. Rio de Janeiro como epítome do Brasil. Prefácio de SILVA, Robson Dias da. *Indústria e Desenvolvimento Regional no Rio de Janeiro (1990-2008)*. Rio de Janeiro: Editora FGV [Faperj], 2012.

LEFEBVRE, Henri. *O Direito à Cidade*. São Paulo: Centauro, 2001 [1968].

OLIVEIRA, Floriano José Godinho de. *Reestruturação produtiva, território e poder no estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2008.

OLIVEIRA, Leandro Dias de. *A Construção do Desenvolvimento Sustentável na Cidade de Volta Redonda: Um Estudo sobre Reestruturação do Território e Ideologia*, 2006. 204 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2006.

_____. *A Geopolítica do Desenvolvimento Sustentável: um estudo sobre a Conferência do Rio de Janeiro (Rio-92)*, 2011. 283 p. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas – SP, 2011.

_____; ROCHA, André Santos da. *As Novas Dinâmicas Produtivas em curso na Baixada Fluminense: Breves apontamentos sobre uma nova Geografia da Indústria*. *Revista Pilares da História*, v. Ano 11, p. 7-13, 2012.

SANTOS, Milton. *Les villes du Tiers Monde*. Librairies Techniques, Géographie Economique et Social. Paris: Ed. Génin, 1971.

SINGER, Paul. *Economia Política da Urbanização*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1973.

SILVA, Robson Dias da. *Indústria e Desenvolvimento Regional no Rio de Janeiro (1990-2008)*. Rio de Janeiro: Editora FGV [Faperj], 2012.